

## COMUNIDADES DE PRÁTICAS SOCIAIS E O DEBATE SOBRE A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO SOCIAL PRACTICE COMMUNITIES AND DEBATE ABOUT PSYCHOLOGY EDUCATION<sup>1</sup>

**Norma da Luz Ferrarini**

Professora do Departamento de Psicologia e do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Paraná.  
Brasil. normadaluz@ufpr.br

**Denise de Camargo**

Professora do Mestrado e Doutorado do Departamento de Educação da Universidade Federal do Paraná.  
Professora do Mestrado da Universidade Tuiuti do Paraná. Brasil. denisedecamargo@uol.com.br

**Yára Lúcia Mazziotti Bulgacov**

Professora do Programa de Mestrado e Doutorado em Administração da Universidade Positivo. Professora Sênior do Programa de Mestrado e Doutorado em Administração da Universidade Federal do Paraná. Brasil. ybulgacov@gmail.com

*Fecha de Recepción: 19 Febrero 2014*

*Fecha de Admisión: 30 Marzo 2014*

### ABSTRACT

This article presents reflections upon application of the concept of a social practice community, specifically involving psychology students in a reflective process about their university educations. Students from the fourth and fifth years of the psychology programs at the Federal University of Parana (UFPR) and Tuiuti University of Parana (UTP) participated. The primary objective of this activity was to unite students from two different higher education institutions, one public and one private, so that they could combine their thoughts about their professional educations. Stemming from the theoretical perspective of historical-cultural psychology, the assumption was that when subjects from different cultures (hence embedded into communities with specific social practices) develop common activities with opportunities for sharing meanings, establishing personal relationships, and sharing life experiences, differences would spur involved subjects into further reflection, self-awareness, learning, and development. The principle behind the methodology consisted of our belief that the group process where subjects shared their experiences, memories, and reflections about previous years in the respective programs and their education as psychologists is as important as the final result of these activities. Interpretive analysis of the results indicates an overall orientation towards clinical practice and training at UTP and towards research at UFPR. The education at UFPR is more general and strongly based upon epistemological and theoretical assumptions, while that at UTP is aimed more at the job market and practical application of clinical psychology. The students from the two universities themselves concluded that they didn't feel confident and suf-



ficiently prepared enough to act autonomously as professional psychologists. We consider that participation in this research project enabled students to have a more critical reflection about psychology education, affecting development of their professional identities.

**Keywords:** The psychologist formation; Social practice community; Theory and practice.

## RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre a aplicação do conceito de comunidade de prática social junto a estudantes de Psicologia em um processo de reflexão sobre a formação universitária. Participaram estudantes do quarto e quinto ano dos cursos de Psicologia da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Tuiuti do Paraná. Esta atividade teve como objetivo principal aproximar alunos de duas diferentes instituições de ensino (uma pública e outra particular) para que em conjunto refletissem sobre sua formação profissional. Decorrente da perspectiva teórica adotada da Psicologia histórico-cultural o pressuposto foi o de que quando sujeitos de culturas diferentes, portanto, inseridos em comunidades de práticas sociais singulares, desenvolvem atividades comuns com oportunidade de partilharem significados, estabelecerem relações pessoais, compartilharem suas vivências no mundo. As diferenças que aparecem nessa relação são mobilizadoras para uma aprendizagem participativa, significativa, emotiva-expressiva e reflexiva e para o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos nessa experiência. Em relação à metodologia tínhamos como princípio que o processo do grupo de trocar experiências, recordações sobre os anos anteriores do curso e as reflexões partilhadas sobre a formação profissional de psicólogos era tão importante quanto o resultado das atividades as quais deveriam ser planejadas pelos próprios estudantes. A análise interpretativa dos resultados indicou orientação predominante para a formação e prática clínica no caso da UTP e para a pesquisa na UFPR; uma formação mais generalista e fortemente embasada em pressupostos epistemológicos e teóricos na UFPR, enquanto na UTP uma formação mais voltada para o mercado de trabalho e para a aplicação prática da Psicologia clínica. Os próprios estudantes das duas universidades concluíram não se sentirem seguros e com formação suficiente para enfrentarem o exercício autônomo da profissão de psicólogos. Consideraram que a participação nesse projeto possibilitou uma reflexão crítica sobre a formação do psicólogo, com efeitos na constituição de suas identidades profissionais.

**Palavras-chave:** Formação do psicólogo; Comunidade de prática social; Teoria e prática.

## INTRODUÇÃO

A formação acadêmica universitária é constituída por atividades de ensino, pesquisa e extensão perpassadas por diversos conceitos e significados, por múltiplos discursos teóricos e metodológicos, e por diferentes práticas configurando o sentido do curso, da profissão e da ciência, da visão de homem e de sociedade, com implicações na configuração subjetiva do estudante. Configuração subjetiva é, segundo González Rey (2003), o conjunto de elementos de sentido procedentes de diversas esferas da experiência que determinam o sentido subjetivo da atividade do sujeito. Sentido subjetivo é, segundo González Rey (2003), unidade dos processos simbólicos e das emoções num mesmo sistema na qual a presença de um elemento evoca o outro.

Uma das hipóteses aqui estabelecida é que a ampliação, a diversificação do horizonte profissional e o desenvolvimento de um processo de aprendizagem participativa, significativa, emotiva-expressiva e reflexiva permitem ao estudante estabelecer vínculos mais criativos, comprometidos, promissores e duradouros com a Universidade. O aluno passa a se reconhecer como sujeito ativo no processo de ensino e de aprendizagem bem como na construção do seu itinerário formativo.

O presente estudo justifica-se pela necessidade de uma melhor compreensão sobre a educação e seus efeitos sobre a constituição e a formação do psicólogo.



## **A EDUCAÇÃO E A APRENDIZAGEM COMO PRÁTICAS SOCIAIS**

Ao situar a educação como prática social, estamos nos contrapondo à visão tradicional da educação que focaliza apenas no indivíduo sua atenção. Em uma visão de natureza sócio-histórico-cultural o arcabouço explanatório do desenvolvimento psicológico sai da atividade cognitiva do sujeito isolado e desloca-se para a participação do sujeito na interação social em contextos de prática social. Na visão de prática, a educação ocorre em um contexto social entre membros de comunidade e o conhecimento existe no conjunto das relações entre as pessoas em atividade nesse contexto (situação social do desenvolvimento), ao longo do tempo, e em relação com outros contextos próximos ou tangenciais (LAVE & WENGER, 2002). Os sujeitos implicados nas atividades são considerados pessoas que partilham significados e imprimem sentido subjetivo (GONZÁLEZ REY, 2003) ao que estão fazendo. É nessa relação dialógica, no fazer partilhado, “em que o sentido como registro emocional comprometido com os significados e as necessidades” (GONZÁLEZ REY, 2003, p.235) vão se construindo e se modificando, condição em que as pessoas aprendem e se desenvolvem. Assim, o foco é deslocado das potencialidades existentes no indivíduo ou pré-formadas, e passa-se a considerar o sujeito e o desenvolvimento do seu psiquismo na atividade, em relação social, no mundo, como agente de sua aprendizagem e de seu desenvolvimento. Em que aprendizagem é considerada um aspecto de qualquer atividade (LAVE & WENGER, 2002).

Como prática, também enfatiza a importância dos instrumentos (ferramentas técnicas) como a forma com que o homem se relaciona com a natureza e os meios semióticos (as ferramentas psicológicas), possibilitando operações psicológicas para formas mais elevadas e qualitativamente novas, e permitindo que os seres humanos, com o auxílio de sistemas simbólicos culturais, atuem no seu próprio desenvolvimento (VIGOTSKI, 1991; 1993). Prática também remete ao caráter contraditório do fazer humano, social e histórico, que apresenta em sua natureza a tensão entre o fazer que transforma e cria o novo, e o fazer que reproduz práticas consolidadas historicamente.

Matos (1999) ao reforçar que “o conhecimento existe no seio das comunidades em que as pessoas participam” (p. 67) ressalta que, em lugar da visão tradicional das ciências da cognição de focar a aprendizagem nos comportamentos observáveis e nas representações mentais, é necessário adotar a noção de comunidade de prática social de Lave e Wenger (1991) onde “o ponto de partida na análise da aprendizagem é a prática social e não a aprendizagem. (...) Aprender significa por isso tornar-se uma pessoa diferente com respeito às possibilidades trazidas por esses sistemas de relações e seus significados. Ignorar este aspecto da aprendizagem é não perceber o facto de que aprender envolve a construção de identidades.” (MATOS, 1999 p. 67).

Acreditamos que a compreensão da educação e da aprendizagem como práticas sociais contribui para o estudo da formação do psicólogo na medida em que: (I) Educar é uma prática social cujo objetivo é o desenvolvimento humano através do saber existente em uma cultura, conforme o conceito de comunidade de prática social. (LAVE & WENGER, 2002). (II) Ao se recortar prática social como um sistema coletivo de atividade significada a partir de grupos ou sujeitos específicos a fim de entender o que fazem e como fazem, revela-se um conjunto de conhecimentos tácitos e mediações sociais, superando-se o fazer individual e objetivista predominante nos estudos sobre formação de profissionais. (III) Rompe-se com a concepção behaviorista de homem, contribuindo com as categorias analíticas de mediação, sentidos e significados, aprendizagem e desenvolvimento, a partir de uma teoria da ação. Abre-se para a possibilidade de transformações expansivas ou ciclos relativamente longos de transformações qualitativas.

## **METODOLOGIA DA PESQUISA**

Supera-se, neste trabalho, a concepção positivista de método com a função de captar a realidade, sem mediação, através de um instrumento. Devido à premissa teórica adotada, rompe-se com



a concepção de método como instrumento a ser aplicado para conseguir resultado (NEWMAN & HOLZMAN, 2002). Onde o foco principal era o resultado das atividades passa-se a considerar método como o processo do desenvolvimento das atividades, que são sempre consideradas coletivas. O resultado é sempre condicionado ao processo de desenvolvimento da atividade. O método não é só aplicado para conseguir determinado resultado, mas passa a ser uma ferramenta que precisa ser praticada, aprimorada, modificada a partir da implicação e compreensão de todos os sujeitos envolvidos nessa prática.

No caso do presente estudo, insere-se o universitário, o sujeito da atividade, como protagonista na atividade reflexiva da pesquisa ao descrever e analisar junto com os outros estudantes e os professores e pesquisadores seu sistema de atividades, podendo: ampliar sua consciência em relação às práticas locais e a contextos globais; ressignificar sua ação ampliando as possibilidades de seu poder de agir; pesquisador e participante da pesquisa aprendendo com a ação conjunta sobre o objeto de estudo sempre em movimento. O foco são os impactos psicológicos da atividade, as condições sociais e sistemas que são produzidos em tal atividade e através dela.

Este artigo apresenta resultados de uma atividade desenvolvida no ano de 2013 que teve como objetivo principal aproximar alunos do Curso de Graduação em Psicologia de duas diferentes instituições de ensino – uma pública, a Universidade Federal do Paraná (UFPR), e outra particular, a Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) – para que em conjunto refletissem sobre sua formação profissional. O pressuposto era que, quando sujeitos de culturas diferentes, inseridos em comunidades de práticas sociais singulares, ao desenvolverem atividades comuns têm a oportunidade de partilharem significados, gerando sentidos subjetivos (REY, 2003), revelando-se diferenças mobilizadoras para a reflexão, o autoconhecimento, a aprendizagem e o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos nessa experiência.

O projeto foi coerente com a visão de aprendizagem inserida em uma comunidade de práticas sociais, ou seja, “um conjunto de relações entre pessoas, atividades, e mundo, ao longo do tempo e em relação com outras comunidades de práticas tangenciais e com elementos comuns” (LAVE & WENGER, 1991, p. 98). Constituiu-se de duas práticas diferenciadas de comunidades de práticas sociais. A *primeira prática*, que se efetivou durante todo o projeto, contou com a participação de três estudantes de psicologia do quarto ano da UFPR e quatro estudantes do quinto ano da UTP, os quais atuaram como alunos extensionistas e pesquisadores, participando do planejamento, da análise e reflexão sobre os dados produzidos em reuniões semanais junto com os professores e pesquisadores do projeto. Criou-se um espaço de aprendizagem participativa, significativa, emotiva-expressiva e reflexiva sobre a Psicologia e o seu processo de formação. A *segunda prática* se refere aos *grupos de discussão* sobre o tema gerador “O que é Psicologia” coordenados pelos estudantes extensionistas, junto com seus pares, estudantes de quarto ano de Psicologia das respectivas universidades, UTP e UFPR. Nessa análise, consideramos, principalmente, as duas universidades como comunidades tangenciais.

Para análise dos dados produzidos empregou-se a análise qualitativa. O procedimento teve início com a procura de unidades de significado que estivessem relacionadas à formação do psicólogo e às concepções construídas sobre a Psicologia nos grupos de discussão, primeiro plano de análise. Posteriormente, em um segundo plano, redefinimos temas de análise (categorias gerais) adotando os seguintes procedimentos: identificar diferenças, semelhanças e contradições entre as unidades de significado e reagrupar em temas e subtemas, baseando-nos em suas propriedades de significação. As propriedades de significação são construídas a partir da base referencial da pesquisa, em um movimento de interpretação, em que encontramos nexos, associações e contradições entre os temas e subtemas.

A seguir, na seção “Análise dos Dados”, serão apresentados os dados produzidos pelos dois grupos de discussão (*segunda prática* de comunidade), o realizado com estudantes da UTP e, pos-



teriormente, aquele realizado com estudantes da UFPR. Em “Algumas Conclusões”, serão apresentadas as reflexões produzidas pelos integrantes do projeto, estudantes, professores e pesquisadores das duas Universidades (*primeira prática* de comunidade).

## ANÁLISE DOS DADOS PRODUZIDOS

### Dados produzidos pelo grupo de estudantes da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)

Ao buscarem definir *o que é Psicologia*, os alunos perceberam a complexidade da pergunta e da própria psicologia afirmando que não é uma coisa fechada, mas ampla, assim como o ser humano. Deparam-se com duas questões cruciais: a *relação teoria e prática*, e as diferentes *abordagens teóricas*.

Predomina a visão de que a diversidade de abordagens psicológicas confunde, atrapalha. Compreendem que as diferentes abordagens definem diferentes maneiras de como lidar com o ser humano, com o sofrimento, com a subjetividade. Assim como há diferentes seres humanos, diferentes subjetividades, há diferentes abordagens. Confrontam-se com duas opiniões: (a) as diferentes abordagens constituem visões de homem totalmente diferentes; e (b) as abordagens não são extremamente diferentes, todas falam da mesma coisa, têm as mesmas metas e objetivos, mas denominam as coisas diferentemente, como se tivessem que formar sua identidade. Apontam alguns encaminhamentos para superar a questão da abordagem e vêem isso como um desafio para os novos psicólogos: esclarecer a população de que há várias abordagens psicológicas porque predomina a visão clínica da psicanálise e a psicologia tem que começar a se posicionar diante desse fato. Entretanto, defendem as abordagens escolhidas por eles.

Quanto à relação *teoria e prática* observa-se a predominância de uma concepção empírica ao afirmarem que nem sempre encontram subsídios na teoria, mas sim na prática, porque em geral não se trabalha com a prevenção e sim com o tratamento do sofrimento. Pode-se dizer que há um enaltecimento da prática em relação à teoria decorrendo uma cisão entre a ciência psicológica (teoria psicológica) e a profissão (a prática psicológica).

Ao serem questionados sobre se eles já fizeram a *escolha de uma abordagem teórica*, demonstram o quanto esse processo é difícil, angustiante, um momento de crise e até de desespero. Aparecem posicionamentos que contradizem o questionamento anterior, uma vez que praticamente todos fizeram uma escolha e defendem suas perspectivas. Entre as escolhas teóricas predomina a opção pela Psicologia comportamental, havendo representantes da psicanálise e da humanista existencial. Há quem questione o porque ter que “*defender só uma*” já que prioriza a técnica. Uma estudante que ainda não optou por uma linha teórica afirmou estar “se localizando” - termo que define bem o estatuto daqueles que se apresentaram como já tendo feito sua escolha porque parecem localizados e seguros, apesar de, contraditoriamente, terem defendido a necessidade de superarem as divergências teóricas e valorizarem a técnica acima da teoria. No decorrer da discussão alguns definem o campo de atuação com o qual pretendem trabalhar, a clínica. No processo da escolha teórica é visível a influência de determinados professores.

Questionados sobre *se o curso de Psicologia mudou a sua visão de mundo*, as respostas obtidas são enfáticas sobre a influência do curso no processo de “configuração subjetiva” desses estudantes. É consenso de que “*ninguém consegue passar ileso no curso de Psicologia (...) modifica a forma de pensar o ser humano*”. Outro depoimento esclarecedor: “*a graduação ela te forma, por isso a formação, você tá sendo formado. Então não adianta pensar que você tá com um discurso que não tá plasmado naquilo que você está estudando. Porque é impossível!*”

Afirmam que a Psicologia os transformou e influencia a visão das demais relações. Tornam-se mais questionadores, mais críticos, passam a compreender mais e a julgar menos, levando em consideração o histórico e o repertório de vida para compreender as atitudes, atos, vivências e decisões



dos outros. Acrescentam que no curso de Psicologia estudam “questões da vida” e têm contato com emoções, com as próprias e com as dos outros, fazendo-os pensarem sobre essas questões e permitindo que, quando se deparam na vida com situações semelhantes, possam se posicionar de uma forma diferenciada.

Conclui-se que o curso enriqueceu a forma de ver o ser humano, de ver o mundo, a forma de atuar com o ser humano, abriu novas possibilidades. Tornou-os pessoas diferentes, abrindo para novas possibilidades de geração de sentidos subjetivos, mudando o comportamento deles próprios e por vezes dos outros e do meio e a relação com as pessoas.

### **Dados produzidos pelo grupo de estudantes da Universidade Federal do Paraná (UFPR)**

Inicialmente identificam o *objeto de estudo* da Psicologia. Semelhante aos estudantes da UTP, acabam por identificar o objeto de estudo da Psicologia como sendo a Subjetividade, sendo esta abordada diferentemente em cada linha teórica. Identificam as crises na Psicologia: “*Porque a Psicologia está sempre em crise, as grandes obras da Psicologia, dos autores que a gente estuda surgiram sempre de crises (...)*”.

Posteriormente tratam da *finalidade* da Psicologia, concluindo que seria a “promoção da saúde humana”, o “bem-estar do indivíduo” e a “diminuição do sofrimento”. Ao final concluem que todos os psicólogos estão focados na subjetividade humana.

Surge a problemática da *unicidade* da Psicologia. Deparam-se com a existência de *diferentes objetos, diferentes métodos, diferentes abordagens, diferentes áreas de atuação* da Psicologia. Constatando o movimento histórico de construção da Psicologia continuam por identificar o que unifica. Destacam o reconhecimento social do profissional psicólogo e da prática da Psicologia parecendo ser isto que a unifica. Concluem que há “*um jogo político envolvido*” e também uma relação de poder. Um estudante declara: “*mas parece que essa disparidade, descaminhos, desencontros, eles são quase abafados para a sociedade que existe uma Psicologia, porque existe essa necessidade de você dizer que existe o psicólogo, que ele é reconhecido como profissional, pois afinal é o que nos une, o que nos dá autoridade para fazer alguma coisa na sociedade, de provocar mudanças, mas ao mesmo tempo parece que há um jogo meio sujo de esconder; as pessoas não sabem que justamente existe toda essa cisão, essa falta de unificação*”. E mais adiante deparamo-nos com o diálogo: “*\_ eu acho que são diferentes Psicologias, são diferentes práticas, só que são reconhecidas como uma só. Por isso que eu acho que existiria esse jogo sujo assim. – É. Elas responderiam à mesma demanda de jeitos diferentes. – Isso. De jeitos diferentes e as pessoas não têm ideia disso ... Porque existe no final das contas uma solução, uma resolução de problemas que são demandados que faz com que as práticas se mantenham, mas que parece que isso é suficiente.*”

Em relação à *formação* que estão tendo no curso de graduação em Psicologia da UFPR, além da desarticulação da teoria com a prática, destacam que o academicismo acaba por impor uma escolha teórica não proporcionando um espaço para diálogos entre pessoas, teorias e linhas de pesquisa, tampouco possibilitando “*fazer sua escolha o menos alienado possível*”. A dinâmica do curso pressiona a escolha de uma abordagem teórica e mesmo de atuação, o que os deixa incomodados e mesmo inseguros quando ainda não fizeram suas escolhas. O curso prima pela pesquisa e investe na compreensão das origens das linhas teóricas.

Identificam-se implicações do curso de Psicologia no processo de configuração da subjetividade dos estudantes: “*falando das vozes da universidade em mim*”; “*o diferente modo de ver o mundo, o diferente modo de pensar, (...) eu acho que é isso que faz a diferença da formação*”; “*você não é o que você era antes, você sente mudanças, você muda de perspectivas o tempo inteiro, opiniões, também (...) o processo de formação na Federal (...) foi violenta em termos de (...) perspectiva de vida, de perspectiva de mundo (...) não só de trabalho e formação de Psicologia*”; “*(...) você inte-*



*rioriza muitos dos discursos (...) sem perceber porque, por exemplo, a necessidade de escolher uma linha teórica (...) Isso é uma necessidade colocada pela nossa universidade, a gente se debate o tempo inteiro com isso achando que isso é a verdade de como se deve ser psicólogo, e que eu não sei se é assim (...) tem que ter essa clareza de que é um discurso colocado pra gente ali, que não é assim que acontece em todas as formações”.*

Torna-se necessário pesquisar se uma escolha precoce por uma abordagem teórica leva o estudante a um desinteresse e até a um fechamento (não escuta) para as contribuições e tensões geradas quando ele está aberto e implicado a conhecer as várias perspectivas no campo das Psicologia. Os estudantes percebem que precisam se constituir como profissionais que enfrentarão a prática da profissão. Pressão que parece gerar a procura precoce por técnicas e competências necessária para a formação profissional. Essa pressão aparece, principalmente, na fala dos estudantes da UTP, onde a grande maioria trabalha para pagar o curso e precisam entrar logo no mercado.

### **ALGUMAS CONCLUSÕES**

Nos grupos de discussão constata-se a ênfase para a formação e prática clínica no caso da UTP e para a pesquisa na UFPR. Uma formação mais generalista e fortemente embasada em pressupostos epistemológicos e teóricos na UFPR, enquanto na UTP uma formação mais voltada para o mercado de trabalho e para a aplicação prática da Psicologia clínica. Na UFPR o currículo estabelece-se a partir de quatro matrizes teóricas: a Psicanálise, a Psicologia Comportamental a Psicologia Fenomenológica-Existencial e a Psicologia Sócio-Histórica; na UTP não observam-se as matrizes teóricas como as diretrizes essenciais do currículo, mas disciplinas perpassadas por diferentes teorias, práticas e objetos de estudo. Tanto na UFPR como na UTP os campos de estágio coincidem: saúde/clínica, educação, trabalho. O perfil dos professores da UFPR com ênfase na pesquisa, enquanto que na UTP há forte evidência da prática profissional dos docentes no mercado de trabalho, especialmente na área clínica. Tanto os estudantes da UTP quanto da UFPR apontam a Subjetividade como a categoria essencial para a concepção teórica e metodológica, entendendo-a como o objeto de estudo da Psicologia.

Os questionamentos expressos na fala dos estudantes indicam a percepção que estão tendo sobre as deficiências em sua formação. Em que o curso de formação de psicólogo é principalmente orientado para o discurso da Psicologia e muito pouco para “o fazer psicologia” orientado por sistemas teóricos. Essas falas remetem também às discussões sobre a metodologia no campo da Psicologia. Coloca, principalmente, para a filosofia da metodologia das ciências, desafios singulares em relação à metodologia da prática do exercício profissional. Existem questões referentes à prática profissional do Psicólogo que necessitam reflexões profundas a partir da análise dessas práticas.

Constatou-se uma necessidade sentida pelos estudantes de posturas teóricas e metodológicas mais firmes e sólidas para que se estabeleça uma atuação mais segura, e uma maior aproximação entre teoria e prática. Fica a impressão da Psicologia como um lugar de incertezas, onde tudo pode ser questionado e, na maioria das vezes, esse questionamento aparece como uma forma natural de lidar com as coisas. Esse lugar do não saber pode ser tomado, inclusive, como um lugar comum no conhecimento científico, se entendermos o constante questionar como necessário à ciência, à pesquisa e ao exercício de busca do conhecimento, mas que muitas vezes traz consigo um sentimento de abandono que atinge o próprio pesquisador e o estudante em formação – reflexão que se aproxima de resultados de outras pesquisas realizadas pelas autoras sobre a temática.

Ao buscarem conceituar o que venha a ser a Psicologia e o seu objeto de estudo os estudantes deparam-se com significados sociais existentes/ensinados/aprendidos/reproduzidos/ressignificados a respeito dessas temáticas. Percebe-se o processo de produção de sentidos subjetivos implicados nesse momento da pesquisa, sendo ele próprio um processo de reflexão implicando na sig-



nificação e ressignificação de significados e sentidos a respeito da Psicologia e da sua própria formação. Movimento esse que os próprios estudantes identificam existir no processo histórico de construção da Psicologia, perpassado constantemente por “crises”, dando-se conta que também eles são afetados por essas “crises da Psicologia” na tentativa de a compreenderem e até mesmo de procurarem se alinhar a uma concepção que lhes seja significativa propiciando o aprendizado. Ou seja, os estudantes remetem à complexidade da Psicologia por ela própria implicar a subjetividade de quem a produz, a pensa, a prática, a estuda.

O projeto comprovou ser um espaço para discussão, reflexão e atuação sobre o processo de aprendizagem e de formação profissional, tendo sido bastante enriquecedora a experiência de estudantes de duas instituições de culturas diferenciadas trabalharem em conjunto. Confirma-se a hipótese de que a aprendizagem participativa significativa, emotiva-expressiva e reflexiva, promovida por comunidade de práticas sociais, permite aos estudantes se implicarem enquanto sujeitos singulares e produtores de novas zonas de sentido, permitindo-lhes rever o seu processo de formação, de atuação profissional e de configuração de suas subjetividades.

## REFERÊNCIAS

- GONZÁLEZ REY, Fernando. (2003). *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- LAVE, Jean ; WENGER, Etienne ( 2002). *Prática, pessoa, mundo social*. In: HARRY, Daniels. *Uma introdução a Vygotsky*. São Paulo: Edições Loyola. Pp. 165-173
- LAVE, Jean; WENGER, Etienne (1991). *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MATOS, João Felipe Lacerda (1999). *Aprendizagem e prática social*. In: PONTE, João Pedro da; SERAZINA, Maria de Lurdes (Orgs.). *Educação Matemática em Portugal, Espanha e Itália*. Actas da Escola de Verão – 1999. Lisboa: SEM-SPCE. Pp. 65-92.
- NEWMAN, F. & HOLZMAN, L., (2002). *Lev Vygotsky - Cientista Revolucionário*. São Paulo: Eduções Loyola.
- VIGOTSKI, L. S.(1991). *Obras escogidas I*. Madrid: Visor Distribuciones, S.A. Vol. I. Tradução: José María Bravo.
- VIGOTSKI, L. S.(1993). *Obras escogidas II*. Madrid: Visor Distribuciones, S.A.Vol. II Tradução: José María Bravo.

Participaram desta pesquisa Ana Moreira Borges de Macedo, André dos Martyres Wageck, Giovanna Isabella Baú, Gregory Bohatchuk Araújo, Oscar Luz de Souza, Renato Ortega e Rosiclea Doroti Rodrigues, estudantes de Psicologia da UFPR e da UTP, integrantes do projeto de pesquisa e de extensão “O Ser e o Fazer na Universidade” em 2013, e a pesquisadora Ms. Francine Rocha. A equipe está escrevendo o artigo “Sentidos atribuídos à formação do psicólogo por acadêmicos de duas Universidades do Paraná: Uma perspectiva para o enriquecimento acadêmico”.

<sup>1</sup>Bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) – Processo Nº 18110/12-6 - para realizar Estágio Pós-Doutoral na Universidade de Évora, Portugal, de agosto/2013 a julho/2014.